

46. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 2, 5 e 10.
47. *Phil.*, 2, 12 e 13; *Ad Simpl. de div. quaest.*, I questão ii, 12.
48. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 13.
49. Por exemplo, *De musica*, VI, xvii, 59; cf. *Ep.* 4, 2.
50. Por exemplo, *Enéadas* I, vi, 4 (MacKenna 2, p. 59). Isso foi visto com muita clareza por Burnaby, *Amor Dei*, p. 89.
51. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 22.
52. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 21.
53. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 21.
54. *Ad Simpl. de div. quaest.*, I, questão ii, 22.
55. Ver esp. Burnaby, *Amor Dei*, p. 52-73.
56. *Tract. in Joh.*, 40, 10.
57. Compare-se a bela apresentação de Burnaby, *Amor Dei*, p. 52-73, com duas brilhantes evocações de sentimentos paralelos na arte e no pensamento do baixo Império Romano: G. Mathew, *Byzantine Aesthetics*, p. 21-22, e P. Hadot, *Plotin*, p. 73-75.
58. *Confissões*, XII, xvi, 23.

AS “Confissões”¹

Agostinho passou a viver num círculo de homens que compartilhavam uma viva curiosidade sobre outras pessoas. No fim do século IV, era cada vez mais difícil prever corretamente o curso da vida dos semelhantes. Carreiras convencionais e vínculos tradicionais de classe e educação não conseguiam reter muita gente. Paulino de Nola estava entre essas pessoas. De repente, havia abandonado uma vida de aristocrata rural na Aquitânia, que vinha de tempos imemoriais, e se tornara, primeiro, monge, depois, padre e, mais tarde, bispo de uma cidade distante. Ele e seus amigos precisavam explicar e justificar as mudanças drásticas em suas vidas: o que interessava a Paulino num novo amigo não era “*De que família és, de que grande linhagem descendes?*”, mas de que maneira ele fora “distinguido” por Deus, como passara a levar uma vida tão diferente da antiga vida de um romano.²

As mudanças ocorridas nesses homens, o curso de sua “conversão” e a qualidade da nova vida por eles adotada seriam objeto de grande interesse para quem quer que houvesse partilhado dessa experiência. A mesa de Agostinho em Hipona vivia cercada de homens assim. Eles não conversavam sobre coisas, mas sobre pessoas. Um dia, chegaram dois amigos de Paulino: vieram “como uma outra espécie de missiva tua, capaz de ouvir e de nos oferecer, em troca, uma parte dulcíssima de tua presença (...) em seu olhar e suas expressões podíamos ler a ti (...), escrito em seus corações”.³ E desse mesmo modo ficara Agostinho absorto, certa vez, nas palavras de um conhecido de Milão, Ponticiano, quando este lhe falara de perfeitos estranhos em extremos opostos do mundo romano: de um eremita no Alto Egito, Santo Antônio, e do impacto que uma descrição de sua vida tivera sobre os cortesãos que faziam uma caminhada vespertina nos arredores de Tréveris.⁴

Agostinho, portanto, já se achava entre um público habituado às biografias íntimas e, por conseguinte, pronto para as autobiografias. As histórias que circulavam sobre as pessoas diziam respeito aos acontecimentos de sua vida interior: na África, por exemplo, uma mulher simples, Santa Perpétua, já havia deixado de suas experiências na prisão um relato que vinha diretamente do coração: “E assim, consegui que meu filho (recém-nascido) ficasse comigo na prisão: melhorei prontamente e fiquei aliviada com a tarefa de cuidar de meu bebê; e, de repente, a prisão transformou-se num palácio para mim, e eu preferia estar lá a estar em qualquer outro lugar.”⁵

Os primeiros cristãos, entretanto, tinham sido obscurecidos pela morte: quando escreviam a seu próprio respeito, o martírio, clímax iminente de suas vidas, fazia com que seu passado empalidcesse e se tornasse insignificante. O biógrafo de São Cipriano, por exemplo, pôde deixar de lado os primeiros quarenta anos da vida de seu herói e se concentrar apenas nos últimos quatro anos antes de seu martírio: essa sua “nova” vida, posterior ao batismo, era considerada sua verdadeira vida, e a única que interessaria aos leitores cristãos do século III.⁶ Na época de Agostinho, a Igreja se havia estabelecido na sociedade romana. Os piores inimigos do cristão já não podiam ser situados fora dele: estavam em seu interior, como seus pecados e suas dúvidas; e o auge da vida de um homem não era o martírio, mas a conversão que o tirava dos perigos de seu próprio passado.

A divagação, as tentações, as idéias tristonhas sobre a mortalidade e a busca da verdade:⁷ estes sempre tinham sido a matéria autobiográfica das almas refinadas, que se recusavam a aceitar a segurança superficial. Os filósofos pagãos já haviam criado uma tradição de “autobiografia religiosa” dentro desses moldes: ela teria prosseguimento com os cristãos, no século IV, e atingiria seu clímax nas *Confissões* de Santo Agostinho.

Assim, Agostinho não precisou procurar muito para encontrar um público para as *Confissões*. Este tinha sido criado, em data bem recente, pela espantosa disseminação do ascetismo no mundo latino. As *Confissões* foram um livro para os *servi Dei*, os “servos de Deus”;⁸ trata-se de um documento clássico das preferências de um grupo de homens altamente sofisticados, os *spiritaes*, ou “homens do espírito”.⁹ O texto contava a esses homens justamente o que eles queriam saber sobre... o curso de uma conversão notável;¹⁰ pedia a seus leitores o que eles tinham o hábito de

pedir a si mesmos — o apoio de suas preces.¹¹ Chegava até a conter apelos tocantes aos homens que pudessem unir-se a essa nova elite: ao maniqueísta austero¹² e ao platônico pagão, ainda distantes das basílicas repletas dos cristãos.¹³ Sabemos de alguns homens que se impressionaram com as *Confissões* quando elas foram publicadas em Roma pela primeira vez. Eles parecem um grupo heterogêneo: Paulino, Secundino, um maniqueísta culto,¹⁴ e Pelágio.¹⁵ No entanto, estavam unidos pelo laço comum de busca da perfeição que caracterizou a geração admirável do fim do século IV.

Nenhum outro membro desse grupo de *servi Dei*, no entanto, escreveu um livro que se assemelhasse nem mesmo remotamente às *Confissões*. Seu interesse recíproco pareceria prometer as mais íntimas revelações pessoais. Para Paulino de Nola, por exemplo, as amizades cristãs eram “formadas no céu”: Deus “predestinava” tais amigos uns para os outros, por seu rompimento comum com o passado; eles só faziam “reconhecer-se” num relâmpago.¹⁶ A alma deles era seu “eu interior”,¹⁷ e essa alma podia ser derramada numa só carta a um colega integrante da “Cidade de Deus”.¹⁸ Os contemporâneos de Agostinho, todavia, restringiriam esse ideal sedutor e sumamente romântico da amizade à etiqueta da redação de cartas (e, talvez, ao mundo dos boatos clericais). Agostinho, em contraste, agarrou-se a ele desesperadamente. No que lhe dizia respeito, essa era a única maneira de justificar o assombroso ineditismo do livro que estava escrevendo. Ele se sentia obrigado a se revelar: ficava feliz por ter uma platéia cujo ideal de amizade à havia preparado para ouvir, sem nenhum desprezo, sua insistência em lhe contar como era furtar pêras na adolescência, desfazer-se de uma amante e continuar em dúvida quanto às tentações a que talvez ainda não pudesse resistir.

Paulino era um homem frio e solitário. Contentava-se em recriar, entre seus novos correspondentes cristãos, uma forma de amizade “instantânea” que estava livre do trabalho (e dos perigos) do conhecimento prolongado,¹⁹ uma intimidade de almas gêmeas que contornava o embaraço das revelações pessoais, e uma ênfase no espírito que, de maneira muito pungente, negava o anseio corporal da presença física dos amigos.

Agostinho, mais caloroso, continuava a “ansiar”: a “ânsia” é a marca registrada de suas cartas mais calorosas.²⁰ Como bom platônico, ele podia concordar em que a presença física de um amigo era “uma coisa ínfima”, mas tinha a coragem de admitir que “ansiava enormemente”²¹ por essa

“coisa ínfima” — um rosto, um olhar ainda capaz de falar de uma alma oculta no envoltório da carne,²² gestos impacientes.²³ No entanto, mesmo quando ocorria esse contato, Agostinho continuava sem esperança de um dia conseguir transmitir a outra pessoa tudo o que sentia: é que, para ele, conversar significava arrastar pensamentos vívidos “pelas veredas longas e sinuosas da fala”.²⁴

Ele passara a sentir ainda mais profundamente essas tensões. Os homens, pensava agora, talvez fossem frágeis demais para suportar o peso de se revelarem a seus semelhantes. A raça decaída era por demais falha para que seus integrantes se comunicassem livremente.²⁵ A idéia de uma camaradagem cristã numa “Cidade de Deus”, da qual Paulino falava com tanto desembaraço, como se ela já existisse neste mundo, numa elite dispersa de bispos e monges, tornou-se, para Agostinho, uma esperança desesperada, uma esperança adiada para uma vida futura.²⁶

Nas *Confissões*, encontramos um homem naturalmente expansivo, bem o filho do “excepcionalmente generoso” Patrício, um homem que precisava estar cercado de amigos, que jamais conseguia contentar-se plenamente com um mundo de almas desencarnadas, afastando-se em desespero da comunicação humana com Deus. Ao menos Lhe diria o que nenhum outro homem da Antigüidade dissera aos outros a seu próprio respeito: “Permiti, pois, que eu, (...) pó e cinzas, Vos fale; sim, deixai-me falar. (...) É a Vossa misericórdia que me dirijo, e não ao homem — ao homem que de mim poderia escarnecer.”²⁷

Agostinho escreveu suas *Confissões* por volta de 397, isto é, apenas alguns anos depois de se tornar bispo na África. O próprio Mediterrâneo e “uma longa extensão de terra e sal” agora o isolavam, assim como a seu círculo africano de *servi Dei*, dos homens “espirituais” com quem eles se sentiam no direito de travar conhecimento. Haviam-se formado na Itália e tinham sido batizados por ninguém menos do que Santo Ambrósio. Segundo seus padrões, a África era uma província atrasada e isolada; eles precisavam até mesmo de livros das bibliotecas desses homens “espirituais” — Alípio procuraria Paulino de Nola²⁸ e Agostinho recorreria a Jerônimo em busca de traduções de autores gregos.²⁹ Acima de tudo, eles sentiam haver perdido o contato com os *servi Dei* comuns ao se tornarem bispos. Uma década antes, Agostinho havia considerado a combinação de monge e bispo quase impossível,³⁰ e Paulino, um mero padre na época, ainda se

impressionava com essa combinação em Alípio.³¹ Na verdade, Agostinho e Alípio eram tipos do futuro: o monge-bispo teria importância crescente na Igreja latina e, nas *Confissões*, Agostinho ofereceu a exposição clássica do ideal de tal homem.

As *Confissões* são realmente o livro de um homem que passara a considerar seu passado como um treinamento para sua carreira atual. Assim, Agostinho selecionou como importantes os incidentes e problemas que revelavam imediatamente o novo bispo de Hipona. Havia passado a acreditar que a compreensão e a exposição das Escrituras Sagradas eram o cerne da vida de um bispo.³² Suas relações com as Escrituras, portanto, vieram a constituir um tema constante em todo o texto das *Confissões*. Sua conversão ao maniqueísmo, por exemplo, é hoje diagnosticada não como uma preocupação filosófica com a origem do mal, mas como uma impossibilidade de aceitar a Bíblia.³³ Vemos Ambrósio pelos olhos de um colega de profissão: vamos conhecê-lo como pregador e exegeta, enfrentando a congregação cristã na basílica,³⁴ e não como o grande conhecedor de Plotino. Agostinho relembrou como, em seus primeiros tempos em Milão, vira apenas de fora a figura distante de Ambrósio como bispo.³⁵ Sendo agora ele próprio um bispo, haveria de certificar-se de não ser visto daquela maneira: contaria a seus leitores exatamente o quanto ainda tinha de lutar contra suas tentações; e, nos últimos três livros das *Confissões*, ao meditar sobre as linhas iniciais do livro do Gênesis, carregaria seus leitores consigo para seus pensamentos ao sentar-se também ele em seu gabinete, tal como um dia vira Ambrósio sentado, absorto na contemplação silenciosa de uma página aberta.³⁶

Nem todos os bispos, é claro, tinham de suas funções a mesma opinião que Agostinho. Alípio, por exemplo, claramente se valorizava como advogado profissional do episcopado católico; costumava aparecer em Tagaste como juiz investigador da comunidade cristã.³⁷ E assim, com inesperado senso de humor, Agostinho contaria ao mundo como, na época de estudante, Alípio fora um dia confundido com um ladrão — uma experiência salutar para um futuro juiz.³⁸

Por mais que desejasse compartilhar os ideais de um grupo, Agostinho continuava irreduzivelmente excêntrico. Ainda tinha muito que explicar a seu próprio respeito. Era conhecido por suas obras contra os maniqueus,³⁹ mas foi acusado por um colega mais velho de ser secretamente mani-

queísta.⁴⁰ Fora batizado por Ambrósio,⁴¹ mas seus escritos deixavam transparecer uma profunda familiaridade com os platônicos pagãos. Até mesmo sua conversão, comparada à teatralidade de muitos de seus contemporâneos, fora singularmente desprovida de aparato: ele apenas se retirara escrupulosamente de uma cadeira de retórica em Milão, ao final do período letivo, alegando problemas de saúde.⁴² Licêncio, aluno seu na época, ainda pôde escrever sobre a estada dos dois em Cassiciaco como se tivesse sido uma encantadora e clássica temporada no campo.⁴³ Licêncio queria visitar Paulino e, quando Agostinho lhe descreve este último, vemos, talvez, o que ele mesmo gostaria de ser — um homem simples, um “servo de Deus” cuja conversão fora dramática, mas fundamentalmente descomplicada.^{43a} A evolução agostiniana não foi muito simples, e ele não a fez parecer como tal. As *Confissões* não devem ter mitigado as dúvidas dos homens devotos e tacanhos que temiam os maniqueus e eram avessos a uma filosofia grega que não conseguiam compreender.⁴⁴ Nenhum livro, por exemplo, transmitiu aos leitores cristãos de maneira tão vívida o impacto da inquietante fascinação dos *Platonici*.⁴⁵ Agostinho, o *servus Dei*, Agostinho, o bispo, continuou a ser essencialmente o mesmo Agostinho, e suas *Confissões* não poderiam ter transmitido isso a seus amigos com maior encanto e persuasão nem com determinação mais incontestável, na medida em que não se dirigiram a um público humano, e sim a Deus.

Embora Agostinho tivesse diversas boas razões para se apresentar a seus companheiros de cristianismo naquele exato momento de sua carreira, somente uma razão muito profunda e íntima o levaria a escrever um livro como as *Confissões*: ele estava entrando na meia-idade. Esse costume ser considerado um bom momento para se escrever uma autobiografia. Por volta de 397, Agostinho chegou a um divisor de águas em sua vida. Desde 391, tinha sido forçado a se adaptar a uma nova vida como padre e bispo. Essa mudança o afetara profundamente.⁴⁶ Já o tinha impelido a um auto-exame angustiante: uma carta escrita a Aurélio de Cartago, após sua ordenação como padre, já traz um tom semelhante ao das *Confissões*;⁴⁷ e, agora que se tornara bispo, ele queria urgentemente desabafar com Paulino de Nola, antes que os “grilhões” de seu cargo lhe “abocanhassem a carne”.⁴⁸ Num nível mais profundo, como acabamos de ver, os ideais sobre os quais ele havia esperado construir sua vida tinham sido postos de lado: o otimismo inicial de sua conversão havia desaparecido, deixando-

SBD / FFLCH / USP

o “atemorizado com o peso de meus pecados”.⁴⁹ O tipo de vida que Agostinho se dispusera a viver, quando em seu apogeu, não perduraria até sua velhice. Ele precisava basear seu futuro numa visão diferente de si mesmo; e como poderia conquistá-la senão reinterpretao justamente a parte de seu passado que culminara na conversão, na qual, até época recente, ele havia depositado tão grandes esperanças?

As *Confissões*, portanto, não são um livro de reminiscências. São um voltar-se angustiado para o passado. O tom de urgência é inconfundível. “Permiti-me, eu Vos imploro, concedei-me percorrer em minha memória as espirais passadas de meus erros (...)”⁵⁰

Trata-se também de um livro tocante. Nele, é constante sentirmos a tensão entre o “então” do jovem e o “agora” do bispo. O passado podia chegar muito perto: só recentemente haviam desaparecido suas emoções intensas e complexas; ainda lhes podemos sentir os contornos sob a fina camada de sentimentos novos que crescera sobre elas. Agostinho ainda mal conseguia entender as emoções inesperadas que haviam acompanhado a morte de Mônica — o entorpecimento de todas as sensações, o discurso febril, o autocontrole pouco natural, a vergonha avassaladora de ter chorado tão pouco pela mãe, que “por tantos anos chorou por mim”.⁵¹ “Agora, meu coração está sarado dessa ferida”,⁵² mas é somente depois de a experiência atordoante haver-se avultado diante de nós nas páginas das *Confissões* que Agostinho consegue destilar dela um novo sentimento. Mônica, a figura idealizada que atormentara sua juventude como um oráculo divino, é subitamente transformada, pela análise que Agostinho faz de seus sentimentos ao recordar a morte dela, num ser humano comum, um objeto de interesse, uma pecadora como ele, igualmente necessitada de misericórdia.⁵³

A morte se interpusera entre Agostinho e sua juventude. Cassiciaco, um lugar de repouso entre as montanhas, aprofundara-se numa imagem do paraíso. Muitos de seus amigos daquela época haviam-no deixado, rumo ao “monte abundante, ao Vosso monte, o monte da fertilidade”.⁵⁴ Até seu filho era agora apenas um nome num livro: “Vós lhe tirastes a vida da Terra; e agora posso lembrá-lo sem apreensão, pois nada tenho a temer de sua infância, de sua adolescência nem do que ele poderia tornar-se quando adulto.”⁵⁵

Agostinho fora forçado a se reconciliar consigo mesmo. A redação das *Confissões* foi um ato de terapia.⁵⁶ As muitas tentativas de explicar o livro em termos de uma única provocação externa, ou de uma única *idée fixe* filosófica, ignoram quanto de vida o perpassa. Nessa tentativa agostiniana de encontrar a si mesmo, cada fibra isolada de sua meia-idade cresceu junto com todas as demais, transformando as *Confissões* no que elas são.

A morte e a desilusão (a perigosa desilusão de um antigo perfeccionista) erguiam-se entre Agostinho e seu rico passado. Com muita facilidade, ele poderia ter rompido com isso e se deixado lançar, desamparado, numa eminência solitária da autoridade. Mas preferiu escrever as *Confissões*: e já idoso, com cerca de 74 anos, ainda pôde olhar para trás, percorrendo o severo catálogo de suas obras, e resgatar nos “Treze livros de minhas *Confissões*” um instante de discernimento e sentimentos de ternura: “de minha parte, quando as leio agora, elas ainda me comovem como me comoveram quando as escrevi.”⁵⁷

Nossa apreciação das *Confissões* tem sofrido com o fato de o livro se haver tornado um clássico. Tendemos a aceitá-las ou descartá-las de acordo com nossos próprios padrões, como se Agostinho ainda fosse nosso contemporâneo. Ao lhe fazermos esse elogio, esquecemos que um homem do baixo Império Romano que abrisse pela primeira vez seu exemplar das *Confissões* haveria de julgá-las um livro espantoso: as formas tradicionais de expressão literária tidas por ele como presumíveis se introduziriam no livro, mas transformadas a ponto de se tornarem irreconhecíveis.

À primeira vista, seria fácil situar as *Confissões*: tratou-se, patentemente, do trabalho de um filósofo neoplatônico. Por exemplo, elas foram redigidas sob a forma de uma prece a Deus, comum numa longa tradição de filosofia religiosa. É que o Deus dos platônicos era um Deus Desconhecido, tão acima da mente humana que o filósofo só poderia ampliar seu conhecimento d’Ele comprometendo-se inteiramente com Ele. A investigação filosófica, portanto, beirava a natureza concentrada de um ato de oração, e a busca da sabedoria era impregnada de uma ânsia de esclarecimento que ia buscar sua própria origem na consciência humana — no estabelecimento de uma relação direta com Deus. “Ao arriscar uma resposta, primeiramente invocamos o próprio Deus, não em voz alta, mas naquele tipo de oração que está sempre a nosso alcance, inclinando a alma para Ele numa aspiração, sozinhos perante aquele que é único.”⁵⁸ A pró-

pria enunciação verbal dessa prece íntima era considerada uma terapia: era um “reviramento do coração, uma purgação do olhar interior”.⁵⁹

A oração, portanto, era um veículo reconhecido da investigação especulativa. Agostinho havia iniciado um de seus primeiros textos filosóficos, os *Solilóquios*, com uma prece;⁶⁰ e terminaria com outra a sua obra-prima especulativa, o *De Trinitate*.⁶¹ As *Confissões* deveriam ser lidas de ponta a ponta dentro desse espírito. Eram uma longa exploração da natureza de Deus, escrita sob a forma de uma prece, a fim de “provocar o intelecto e os sentimentos dos homens em relação a Ele”.⁶² O fato de o texto ser redigido em forma de oração, longe de relegá-lo à condição de uma obra devota, aumentou seu valor de exercício filosófico: *Da mihi, Domine, scire et intellegere* — “Concedei-me, Senhor, saber e entender”.⁶³ Era assim que o platônico esforçava-se por elevar-se às alturas, acreditando que as fórmulas opacas e “externas” de suas palavras de oração estavam carregadas de sentidos, os quais, na muda contemplação “íntima”, tornar-se-iam claros no “alvorecer”⁶⁴ da verdade em sua mente. Milton, nos versos iniciais do *Paraíso perdido*, seria o último expoente dessa grande tradição de expressão filosófica:

*So much the rather, Thou Celestial Light,
Shine inward and the mind through all her powers
Irradiate, there plant eyes, all mist from thence
Purge and disperse, that I may see and tell
Of things invisible to mortal sight.*⁶⁵

Tais orações, porém, costumavam ser vistas como parte de uma etapa preliminar na elevação da mente do filósofo a Deus. Nunca tinham sido usadas, como viria a usá-las Agostinho ao longo das *Confissões*, para encetar uma conversa animada com Ele: “Plotino nunca conversou com o Uno como fez Agostinho nas *Confissões*.”⁶⁶ Assim como um diálogo constrói uma impressão duradoura dos falantes, Agostinho e seu Deus emergem vividamente das preces das *Confissões*: Deus, nas pequenas expressões com que é abordado — *Deus cordis mei*, “Deus do meu coração”,⁶⁷ *Deus dulcedo mea*, “Deus, minha doçura”,⁶⁸ *O tardum gaudium meum*, “Ó, tardio gáudio meu”⁶⁹ —, e Agostinho, como o ouvinte atento, ofegante, meticuloso, formulador impenitente de perguntas incômodas⁷⁰ e, acima

de tudo, gloriosamente egocêntrico. Nenhum outro escritor poderia ter coroado uma surrada tese maniqueísta sobre a origem do mal com uma pergunta como esta: “quem semeou em mim este viveiro de amarguras, em mim, que fui inteiramente criado por Vós, meu dulcíssimo Deus?”^{70a}

As *Confissões* são uma obra-prima de autobiografia estritamente intelectual. Agostinho transmite tamanho sentimento de um intenso envolvimento pessoal com as idéias que maneja, que somos levados a esquecer que se trata de um livro excepcionalmente difícil. Agostinho fez a seu público de *spiritales* o elogio requintado (e talvez imerecido) de lhes dirigir a palavra como se estivessem tão imbuídos quanto ele da filosofia neoplatônica. Sua fase maniqueísta, por exemplo, é discutida em termos de idéias em que os platônicos se julgavam muito adiantados em relação ao pensamento médio de sua época, as idéias de uma realidade “espiritual” e da onipresença de Deus.⁷¹ Agostinho francamente considerara que esses temas eram difíceis demais para ser discutidos em seus textos comuns contra os maniqueístas.⁷² No entanto, embora as *Confissões* sejam marcadas por um tom particularmente austero, essa tradição neoplatônica veio a jogar com incidentes da experiência agostiniana, transmitidos com a vividez de qualquer romance. No decorrer da prece do filósofo, deparamos com um bando de garotos: “Perto de nossa vinha havia uma pereira (...). Brincáramos no campo até muito depois do anoitecer, como era nosso hábito perverso, e lá fomos nós sacudi-la, para lhe tirar os frutos e carregá-los conosco: furtamos uma grande quantidade de pêras, não para comê-las, mas para atirá-las aos porcos.”⁷³ Deparamos com Mônica postada no embarcadouro de Cartago: “Soprou o vento e nos enfunou as velas, desapareceu a praia de nossa visão, e nessa praia, à luz do alvorecer, ficou minha mãe, enlouquecida de dor.”⁷⁴

Mas esses incidentes são sempre situados em relação aos conceitos filosóficos mais profundos à disposição de um homem da baixa Antigüidade: para Agostinho, eles encarnavam os grandes temas da tradição neoplatônica em sua forma cristã; aparecem impregnados de um sentimento da onipresença de Deus e ilustram o jogo de forças fatal numa alma errante, a tragédia de um homem “desintegrado” pela passagem do tempo.⁷⁵ Agostinho permite que seu eu do passado assuma as dimensões de um herói “clássico”, pois essas experiências resumiam, para ele, a condição de “minha raça, a raça humana”.⁷⁶ Cada incidente do livro, portanto,

vem carregado da pungência de uma paisagem chinesa — um detalhe vívido que se destaca contra distâncias infinitas: “Ao se aproximar o dia em que ela deixaria este mundo — dia que Vós conhecíeis, mas não nós —, sucedeu, creio que por Vossa disposição, por Vossos desígnios secretos, ficarmos a sós, minha mãe e eu, reclinados numa janela que se abria para o jardim interno da casa em que estávamos hospedados: era em Óstia, às margens do Tibre.”⁷⁷

Agostinho gozava da imensa vantagem de estar enraizado numa tradição madura, pois os neoplatônicos lhe haviam fornecido o instrumento essencial para qualquer autobiografia séria: tinham-lhe proporcionado uma teoria sobre a dinâmica da alma que dava sentido a suas experiências.

As *Confissões* são um manifesto do mundo interior: “Ficam os homens boquiabertos com os picos das montanhas, as ondas alterosas do mar, a vasta correnteza dos rios, a amplidão do oceano e os movimentos dos astros: mas se deixam passar despercebidos, não se deslumbram com eles mesmos.”⁷⁸ O homem não pode ter esperança de encontrar Deus se não encontrar antes a si mesmo: pois esse Deus é “mais profundo que o meu próprio íntimo”,⁷⁹ e a experiência dele torna-se “melhor” quanto mais é “interior”.⁸⁰ Acima de tudo, a tragédia do homem é ser impelido a fugir “para o lado de fora”, a perder o contato consigo mesmo, a “vagar para longe” de “seu coração”: “Estáveis bem diante de mim, porém eu me apartara de mim e, se não podia encontrar a mim mesmo, muito menos encontraria a Vós.”⁸¹

Essa ênfase na queda da alma como um voltar-se para fora, uma perda da identidade, um tornar-se “uma coisa parcial, isolada, cheia de inquietações, atenta ao fragmento, cindida do todo”,⁸² é um eco inequívoco do pensamento de Plotino. As *Confissões*, com efeito, são o ponto culminante da absorção agostiniana das *Enéadas*: nelas elealaria a linguagem de seu mestre com mais convicção e talento artístico do que em qualquer de seus outros trabalhos.⁸³ Mas tudo isso é transformado. A “alma” de Plotino é essencialmente uma alma cósmica, arquetípica; sua “Queda” meramente compõe o obscuro pano de fundo da condição humana, tal como então parecia ao filósofo. Em Agostinho, essa “queda” é intensamente pessoal: ele a vê como um campo de forças no cerne de cada homem, uma fraqueza angustiante que o obriga a fugir de si mesmo, um “declínio”, uma “errância” que se mostra numa centena de incidentes precisos de sua vida

pregressa.⁸⁴ As intuições profundas e abstratas de Plotino passam a fornecer o material para uma nova linguagem clássica do coração inquieto:

“Levava comigo uma alma dilacerada e ensangüentada, que não suportava ser carregada por mim, e não encontrava lugar em que pudesse depositá-la. Não repousava em bosques amenos, nem nos jogos e cânticos, nem nos recantos perfumados dos jardins, nem nos convivas de banquetes, nem nos prazeres do leito, e nem sequer em meus livros e versos. (...) Ela tropeçava no vazio e desabava sobre mim. Eu continuava a ser um lugar assombrado, que não me dava repouso e de onde me era impossível escapar. Pois, para onde fugiria meu coração de meu coração? Onde poderia eu escapar de mim mesmo? Onde não farejaria minhas próprias pegadas? Ainda assim, fugi de minha pátria.”⁸⁵

É comum dizer-se que as *Confissões* não são uma “autobiografia” no sentido moderno. É verdade, mas não tem grande serventia. Porque, para um homem do baixo Império Romano, era precisamente essa intensa verve autobiográfica das *Confissões* que as distinguiu da tradição intelectual a que Agostinho pertencia.

Mais importante é perceber que as *Confissões* são uma autobiografia a que o autor impôs uma escolha drástica e plenamente consciente do que era significativo. Em termos muito sucintos, são a história do “coração” de Agostinho, ou de seus “sentimentos” — de seu *affectus*. Nelas, um acontecimento intelectual, como a leitura de um novo livro, é registrado apenas como que por dentro, em termos da pura excitação da experiência, de seu impacto nos sentimentos do autor: sobre o *Hortênsio*, de Cícero, por exemplo, Agostinho jamais diria que “ele mudou minha opinião”, e sim, caracteristicamente, “ele mudou meu modo de sentir” — *mutavit affectum meum*.⁸⁶

O tom emotivo das *Confissões* impressiona qualquer leitor moderno. O livro deve sua atração permanente à maneira como Agostinho, na meia-idade, atreveu-se a se abrir para os sentimentos de sua juventude. Mas esse tom não era inevitável. É que a intensa consciência agostiniana do papel vital dos “afetos” em sua vida pregressa tinha-se avolumado nele.⁸⁷

Surpreendentemente, portanto, a resposta austera ao *Segundo problema* dos *Problemas diversos para Simpliciano* constitui o mapa intelectual das *Confissões*.⁸⁸ É que esses dois livros abordaram de frente o problema central da natureza da motivação humana. Em ambos, a vontade é vista

como dependente de uma capacidade de “deleite”, e os atos conscientes, como resultado de uma aliança misteriosa entre o intelecto e o afeto: eles são meramente o resultado final de processos ocultos — os processos pelos quais o “coração” é “atçado”, “tocado e disposto” pela mão de Deus.⁸⁹

Houvesse Agostinho escrito sua autobiografia em 386, o livro teria sido muito diferente: diferentes camadas de sua experiência passada ter-se-iam afigurado importantes ao neoplatônico novato. Talvez tivéssemos um livro muito mais circunstanciado: conteria muitas informações que foram descartadas nas *Confissões* como irrelevantes — detalhes mais precisos sobre os livros que ele leu, as opiniões que havia sustentado, os homens fascinantes que conheceu em Milão. Mas é sumamente improvável que tal livro pudesse transmitir de modo tão coerente a simples resistência dos fios internos de afeto que um dia prenderam Agostinho ao mundo que o cercava, a suas opiniões, seus amigos e aos prazeres de sua vida pregressa. É bem possível que não incluísse a portentosa convulsão afetiva ocorrida no jardim de Milão, e talvez nunca tivéssemos um vislumbre da concubina de Agostinho, no foco brilhante e estreito de seu “coração”: “Entrementes, multiplicavam-se os meus pecados: e a mulher com quem eu costumava partilhar meu leito foi arrancada do meu lado, como um empecilho a meu casamento. Meu coração, onde ela estava presa, foi ferido e dilacerado em mim, e jorrava sangue.”⁹⁰

A vida afetiva era o que realmente importava no crescimento pessoal. Foi essa convicção que levou Agostinho, no Livro IX das *Confissões*, a perscrutar muito abaixo da superfície de sua vida em Cassiciaco. O que lhe importava agora eram as emoções do convertido, evocadas com clássica autenticidade. Foram esses os “estímulos interiores” que “subjugaram” Agostinho,⁹¹ pois perderam nele, enquanto as esperanças contidas nos currículos intelectuais da época se desgastaram, e os *Diálogos*, agora “recedendo à sala de aulas”,⁹² passaram a repousar em sua estante — solitários e desamparados, repletos de nomes de amigos mortos.

Ao vermos que Agostinho escreveu suas *Confissões* “recordando minhas torpezas e repensando-as com amargura”,⁹³ é de admirar que ele tenha deixado tão pouco dessa amargura colorir seus sentimentos do passado. Eles não empalidecem em função do arrependimento: o livro é, claramente, a autobiografia de um homem que, desde menino, sabia o que era ser movido apenas pelo “prazer”, entediarse com os deveres, e que gozara ple-

namente do que havia desistido: Um mais um, dois, dois mais dois, quatro' era para mim uma cantilena detestável, e o que mais me encantava era aquela doce ilusão — o cavalo de madeira repleto de guerreiros, o incêndio de Tróia, e até o próprio fantasma de Creusa.”⁹⁴ Afinal, onde, melhor do que nas *Confissões*, podemos ler sobre o eterno dilema do jovem “divertido e refinado”? “Eu ainda não amava e já gostava de amar. (...) Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor.”⁹⁵

Agostinho analisa seus antigos afetos com uma franqueza feroz. Estes lhe eram importantes demais para ser falseados por estereótipos sentimentais. Não é que ele houvesse abandonado os sentimentos intensos: apenas acreditava ser possível transformar os afetos, direcioná-los num sentido mais proveitoso. Isso implicava examiná-los atentamente. Por exemplo: em certa época, ele se comprouvera em chorar no teatro; agora, era somente tentando entender por que se havia comportado dessa maneira paradoxal na época de estudante, comprazendo-se em partilhar da dor simulada de dois atores, que ele podia definir de modo convincente como se conduziria como bispo cristão ao se confrontar com o sofrimento verdadeiro: “Caberá, pois, eliminarmos toda a compaixão pelo sofrimento? Decerto que não! Vez por outra, portanto, acolhamos ainda a dor.”⁹⁶

Agostinho sentia-se fascinado com o caráter preciso dos afetos humanos. Podemos vê-lo a observar o comportamento de bebês amamentados no seio⁹⁷ e, quando ele menciona de passagem as atitudes de seus contemporâneos perante os noivados prolongados, podemos captar, na linguagem desse bispo de Hipona, um eco distante do amor cortês: “É costume, uma vez contraído o noivado, os casais não realizarem imediatamente as bodas, para que o homem, quando marido, não venha a desmerecer a mulher por quem não tenha suspirado durante o longo intervalo da corte.”⁹⁸

Acima de tudo, Agostinho abordaria por duas vezes, com um discernimento singular, os mais complexos de todos os sentimentos: a tristeza e o luto. Na ficção romântica, os amigos dispunham-se a morrer juntos: “Mas obcecava-me um misterioso sentimento muito contrário a este: meu próprio desinteresse pela vida assumia a forma de um medo opressivo da morte. Creio que, quanto mais intensamente o amava, mais eu odiava e temia, como um inimigo implacável, a morte que mo havia arrebatado. Julgava-a capaz de devorar subitamente todos os homens, posto que o fizera com esse ente querido. Era assim que me sentia, se bem me lembro.

(...) Sentindo que sua alma e a minha eram uma só em dois corpos, eu tinha horror à vida, pois não queria viver como apenas metade de mim: e talvez por isso receasse a morte, por medo de que, morrendo, viesse a acarretar a completa extinção daquele a quem tanto havia amado.”⁹⁹

Nas *Confissões*, porém, a evocação dos sentimentos de Agostinho faz parte do estudo mais amplo da evolução de sua vontade. Cada passo dado em sua carreira, por exemplo, é firmemente inserido numa análise exaustiva de suas motivações. Ao relatar como escreveu seu primeiro livro, ele leva ao desespero os estudiosos modernos, por se recusar a nos dizer o que este continha,¹⁰⁰ e se detém longamente, ao contrário, nos motivos complexos que o levaram a dedicá-lo a um professor desconhecido: “Quem pode mapear as várias forças que agem numa alma, os diferentes tipos de amor? (...) Grande abismo é o homem, Senhor! Contais os fios de seus cabelos (...), porém seus cabelos são muito mais fáceis de contar que os afetos e movimentos de seu coração.”¹⁰¹

Nada mostra com mais clareza a preocupação de Agostinho com a vontade do que a maneira de narrar sua adolescência. Seus leitores africanos tendiam a achar que um menino era inocente até atingir a puberdade: “como se”, disse Agostinho certa vez, “os únicos pecados que se pudesse cometer fossem aqueles em que se usa a genitália.”^{101a} São esses, de fato, os pecados que parecem ter interessado o leitor médio das *Confissões* desde então. Mas Agostinho os tratava como não muito importantes: a seu ver, eles se tornavam insignificantes perante um simples ato de vandalismo. O furto despropositado dos frutos de uma pereira foi o que realmente interessou a esse grande conhecedor da vontade humana:¹⁰² ele analisaria esse incidente isolado com fascinada repulsa, “Pois o que não seria eu capaz de fazer, se me comprazia até mesmo com um ato criminoso gratuito?”¹⁰³

O que nos confronta nas *Confissões* é a plena força da nova consciência agostiniana das limitações da liberdade humana. O “ato gratuito” de um jovem desordeiro é um triste paradigma para o livre-arbítrio. Os homens, a seu ver, eram livres apenas “para se atirar de cabeça”.¹⁰⁴ Mediante tais atos de vontade destrutivos, mutilavam até sua capacidade de agir de maneira criativa. Isso porque, quando um homem vinha a querer escolher o bem, descobria-se incapaz de seguir de coração sua escolha consciente, pois seus atos anteriores forjavam uma “cadeia de hábitos” em que ele ficava firmemente preso, “não pelas cadeias de uma vontade alheia,

dos membros de sua congregação, fluíram para esse livro: até nas minibiografias de Alípio e Mônica,¹⁰⁶ os pecados “curados” por Deus são “pecados obsedantes” — casos extremos de hábitos compulsivos.

Assim, no Livro VIII das *Confissões*, entra em foco o problema da vontade. É que ali, com todas as suas dificuldades resolvidas, com um “sentimento claro de doçura” a afirmar sua lealdade à fé católica, encontramos Agostinho ainda atado aos hábitos de uma vida inteira: é como se julgássemos haver chegado a um planalto e descobríssemos um último pico gigantesco a se elevar diante de nós. “O inimigo detinha o controle de minha vontade, e dela forjara uma cadeia com que me apertar. De um ato perverso de vontade nasce a luxúria, e quando se satisfaz a luxúria, cria-se o hábito; e quando não se resiste ao hábito, instaura-se uma necessidade compulsiva: por esses anéis estreitamente entrelaçados era eu contido (...).”¹⁰⁷ “O ir e o chegar a meu objetivo eram apenas uma questão de querer, mas de um querer firme e completo, e não desta vontade tibia que tropeça daqui para ali, lutando com ele, a se erguer de um lado e cair do outro.”¹⁰⁸

A sombria preocupação de Agostinho com a maneira pela qual o homem podia aprisionar-se numa “segunda natureza” por seus atos passados faz das *Confissões* um livro muito moderno. Em inúmeras biografias antigas e medievais, por exemplo, encontramos heróis descritos em termos de suas qualidades essenciais, ideais. É quase como se eles não tivessem passado: até sua infância é descrita apenas em termos de presságios do futuro “apogeu” de sua vida — Santo Ambrósio brinca de bispo, São Cuthbert recusa-se a dar saltos descrevendo estrelas no ar. Já os encontramos totalmente prontos: é como se eles houvessem descartado no passado tudo o que não apontava diretamente para a imagem de perfeição em que se enquadram.

Em contraste, deparamos duas vezes com Agostinho firmemente preso a seu passado: no jardim de Milão e no dia terrível que se seguiu à morte de sua mãe.¹⁰⁹ É que ele via o passado de um homem como algo muito vivo em seu presente: os homens diferiam uns dos outros precisamente porque sua vontade se diferenciava, em função da soma total de experi-

tensão na própria memória, uma batalha com a natureza exata das experiências pregressas: “O hábito era forte demais em mim quando indagava: ‘Julgas que podes prescindir destas coisas?’”¹¹¹ Assim, quando Agostinho descreve seus amigos, temos a sensação de conhecê-los, nessas breves pinceladas, muito melhor do que inúmeros homens mais famosos da Antigüidade. É que ele lhes vincula o passado ao presente, os vê moldados por experiências precisas, que remontam à própria infância: Mônica teria sido uma bêbada se, aos seis anos de idade, não tivesse sido chamada de “ebriazinha”;¹¹² Alípio não seria tão casto se não houvesse passado por uma experiência sexual insatisfatória na juventude.¹¹³

Agostinho enfatizou essa experiência da força do hábito por ter passado a achar que tal experiência provava, de maneira conclusiva, que a mudança só podia ocorrer mediante processos que escapavam totalmente a seu controle: “E tudo era só não querer o que eu queria, e querer o que Vós queríeis. Mas onde estava, durante essa fase estafante, o meu livre-arbítrio? De que profundo abismo foi ele chamado naquele momento decisivo em que curvei a cabeça a Vosso suave jugo?”¹¹⁴

Não admira que as *Confissões*, impregnadas que estão de um sentimento dramático das intervenções divinas na vida de Agostinho, sejam adornadas com a linguagem dos Salmos. Em si mesma, essa foi uma espantosa inovação literária: pela primeira vez, um livro de arte literária consciente havia incorporado (e de maneira belíssima) o jargão exótico das comunidades cristãs.¹¹⁵ Para Agostinho, no entanto, o que estava em jogo era muito mais do que uma nova forma literária: ele havia penetrado pouco a pouco num novo mundo de sentimentos religiosos, passara por experiências que só podia expressar na linguagem dos Salmos. Era o linguajar de um homem que se dirigia a um Deus zeloso, um Deus cuja “mão” estava sempre pronta a “se estender” sobre o destino dos homens. Como qualquer cavalheiro dotado de sentimentos no mundo antigo, o salmista tinha “coração”,¹¹⁶ mas tinha também “ossos”¹¹⁷ — ou seja, aquela parte sua que não era um mero repositório de sentimentos, mas o “cerne da alma”,¹¹⁸ com o qual Deus lidava diretamente, à Sua maneira rude, “exaltando” e “esmagando”. Uma descrição clássica do sofisticado descaso pelas

questões mundanas terminaria, então, num tom mais ríspido: “Era por isso que *quebráveis os meus ossos* com o cajado de Vossa disciplina.”¹¹⁹

Agostinho sempre se preocupou em reunir o “Deus de Abraão, Isaac e Jacó” e o “Deus dos Filósofos”. Nenhum livro exhibe essa fusão com maior beleza literária do que as *Confissões*. Mas em nenhum outro se vê com tanta clareza o que significou essa tensão para Agostinho: significou a capacidade de se deslocar por inúmeros níveis do sentimento religioso, inclusive os mais primitivos. Isso porque, ao usar a linguagem dos Salmos em sua forma mais direta e dramática, ao falar da “mão” de Deus a se “estender” para “pegá-lo”, não raro Agostinho está pensando em Mônica.¹²⁰ Pois é nas *Confissões* que encontramos a Mônica visionária, e através de seus olhos enxergamos Agostinho — tal como os cristãos africanos sempre tinham visto seus heróis — como um homem “predestinado”,¹²¹ com o rumo de sua vida já inelutavelmente traçado por Deus e transmitido a Seus fiéis servos numa série de sonhos vívidos.¹²² Essa antiga tradição abrigaria ao menos algumas das muitas raízes da grandiosa teoria agostiniana da predestinação; e, como sói acontecer com muitas pessoas inteligentíssimas, essas raízes simples eram ainda mais fortes por serem basicamente inconscientes.

As *Confissões* são um dos poucos livros de Agostinho em que o título é significativo. Para ele, *confessio* significava “acusação a si mesmo; louvor a Deus”.¹²³ Nessa simples palavra ele resumiu sua postura perante a condição humana: o termo foi a nova chave com que, na meia-idade, ele esperava desvendar o enigma do mal. A antiga chave se revelara insuficiente. Na época de sua conversão, seu método se resumira no título de um livro — *De Ordine*, Da ordem:¹²⁴ em 386, Agostinho tivera a esperança de que sua “alma bem treinada” pudesse apreender de que modo o mal se fundia na harmonia do universo, tal como os quadrados negros salientavam o motivo de um piso de mosaicos.¹²⁵ No entanto, ao escrever *Do livre-arbítrio*, poucos anos antes de se voltar para a redação das *Confissões*, ele vira o problema recolocado em termos angustiantes: o homem era responsável por seus atos, mas, ao mesmo tempo, não podia controlá-los, perturbado por uma antiga queda. Como poderia esse estado conciliar-se com a bondade e a onipotência divinas? Uma “alma bem treinada” era incapaz de responder a essa pergunta; o que Agostinho buscava agora era um “investigador devoto”.¹²⁶ É que ser “devoto” significava recusar-

se a resolver o problema pela simples retirada de um dos pólos da tensão. Esses pólos passaram a ser vistos como firmemente enraizados na consciência da condição humana do homem de sentimentos religiosos — e, para ele, que melhor maneira haveria de expressá-la senão a linguagem dos Salmos? A consciência primeira do homem, portanto, deveria ser a da necessidade de curar-se: mas isso equivalia a aceitar a responsabilidade pelo que se era e, ao mesmo tempo, acolher de bom grado a dependência de uma terapia que estava fora do próprio controle. “Eles devem exclamar, do âmago de sua experiência mais íntima: ‘*Eu disse: Senhor, tem piedade de mim, cura minha alma, pois pequei diante de ti.*’ Desse modo, pelos caminhos seguros da misericórdia divina, eles serão conduzidos à sabedoria.”¹²⁷

Ao redigir as *Confissões*, Agostinho insistiu em que seu leitor fosse “conduzido à sabedoria” por esse seu novo método. O ritmo do livro foi determinado pelo aumento da consciência agostiniana da necessidade de se confessar. Evitar a “confissão” se lhe afigurou, nesse momento, a marca de sua fase maniqueísta: “a minha soberba deleitava-se por estar livre do sentimento de culpa e, quando eu procedia mal, não *confessava* ter sido eu mesmo a cometer o erro, para que Vós me pudésseis *curar a alma.*”¹²⁸ Em Milão, as coisas tinham sido diferentes: até a linguagem de Agostinho se havia modificado; a imagem bruta das violações externas fora substituída pelos termos mais brandos da dor íntima crescente, a ponto de chegar à linguagem médica da “crise” interna de febre. É que, àquela altura, Agostinho havia aceitado a responsabilidade por seus atos; estava ciente da culpa: “eu não descera àquele inferno tenebroso em que ninguém se *confessa* a Vós.”¹²⁹ Mas, se a negação da culpa fora o primeiro inimigo, a autoconfiança foi o último. A vasta autonomia de Plotino foi nitidamente destacada pela nova preocupação de Agostinho com a confissão. Em certa época, ele ficara empolgado com o campo comum entre os platônicos e São Paulo; em 386, eles lhe haviam parecido fundir-se naturalmente, formando “o esplêndido semblante da Filosofia”.¹³⁰ Agora, ele via apenas o perigo de que os platônicos obscurecessem a única “fisionomia” que importava: “a fisionomia da verdadeira devoção, as lágrimas da confissão.”¹³¹

Agostinho escreveu as *Confissões* com o espírito de um médico que se houvesse comprometido recentemente, e portanto, de modo ainda mais

fervoroso, com uma nova forma de tratamento. Assim, nos primeiros nove livros, ilustrou o que acontecia quando esse tratamento não era ministrado, a maneira como viera a descobri-lo e, pulando uma década, demonstrou no Livro X a sua aplicação contínua no presente.

Foi esse tema da *confissão* que, aos olhos dos leitores, tornou a abordagem agostiniana de si mesmo diferente de qualquer autobiografia existente na época. Isso porque a insistência na abordagem pela “confissão” havia acompanhado Agostinho até o momento presente de sua vida. O surpreendente Livro X das *Confissões* não é a afirmação de um homem curado: é o auto-retrato de um convalescente.

Esse livro das *Confissões*, por si só, deve ter apanhado de surpresa os leitores agostinianos: quando foi lido em Roma, por exemplo, Pelágio ficou “profundamente aborrecido” com seu tom. É que o desejado pelo cristão convencional era a história de uma conversão bem-sucedida. A conversão tinha sido o tema principal da autobiografia religiosa do mundo antigo. Era comum pensar-se nessa conversão como algo tão dramático e simples quanto o “início da abstinência” de um alcoólatra.¹³² Como inúmeros desses convertidos, o autor insistia em nos repetir que agora era uma pessoa diferente, que nunca olhava para trás. Visto por esse prisma, o próprio ato de conversão cindia a vida do convertido em duas partes: ele era alguém que conseguira livrar-se de seu passado. A conversão à filosofia ou a um credo religioso era tida como a conquista de uma segurança final, como o navegar de mares tempestuosos para as águas calmas de um porto: São Cipriano apresentou exatamente nesses termos sua conversão ao cristianismo;¹³³ o mesmo fizera Agostinho em Cassiciáco.¹³⁴ Essa é uma idéia tão profundamente arraigada que surge com toda a naturalidade na pena de um “convertido” clássico dos tempos modernos, o cardeal Newman.* Além disso, no fim do século IV, o rito drástico do batismo, que comumente ocorria na meia-idade, só fazia enfatizar mais a ruptura com a identidade anterior, o que era um traço muito acentuado da idéia convencional da conversão.

As preferências da era agostiniana exigiam uma história dramática de conversão, o que o teria levado a encerrar as *Confissões* no Livro IX. Mas Agostinho, em vez disso, acrescentou outros quatro longos livros. É que,

*John Henry Newman (1801-1890), teólogo e escritor inglês. (N. da T.)

para ele, a conversão já não bastava. Esse tipo de experiência dramática não deveria levar seus leitores à ilusão de que poderiam livrar-se de sua identidade anterior com grande facilidade. O “porto” do convertido continuava a ser açoitado por tempestades,¹³⁵ Lázaro, imagem viva do homem antes morto sob a “massa do hábito”,¹³⁶ fora despertado pela voz de Cristo, mas ainda teria de “se expor”, “revelar seu eu mais íntimo na confissão”, se quisesse libertar-se.¹³⁷ “Quando se ouve um homem confessar, sabe-se que ele ainda não está livre.”¹³⁸

No círculo dos *servi Dei* agostinianos, era lugar-comum o homem falar de si mesmo como “pó e cinzas”. Mas o Livro X das *Confissões* daria uma dimensão totalmente nova a essas expressões elegantes da fraqueza humana. É que Agostinho se examinaria muito menos em termos de pecados e tentações específicos do que em termos da natureza do mundo íntimo do homem: ele era atormentado por tentações, acima de tudo, porque mal conseguia apreender quem era: “há no homem uma região de que nem mesmo *seu espírito* tem conhecimento.”¹³⁹

Agostinho herdara de Plotino a noção da pura dimensão e dinamismo do mundo interno. Os dois homens acreditavam que o conhecimento de Deus podia ser encontrado sob a forma de uma “memória” nesse mundo interior.¹⁴⁰ Para Plotino, entretanto, o mundo interno era um *continuum* tranquilizador. O “verdadeiro eu” do homem estava em sua profundidade, e esse eu verdadeiro era divino, nunca perdera o contato com o mundo das Idéias. A mente consciente apenas se havia separado de sua divindade latente, por se concentrar de um modo estreito demais.¹⁴¹ Para Agostinho, em contraste, o simples tamanho do mundo interno era tanto fonte de angústia quanto de força. Enquanto Plotino era cheio de serena confiança, Agostinho sentia-se inseguro. “Há, de fato, *uma certa luz nos homens*, mas eles que andem depressa, andem depressa, *para que as trevas não os alcancem*.”¹⁴² A mente consciente era cercada de sombras. Agostinho sentia como que movendo-se por “um bosque imenso, repleto de perigos inesperados”.¹⁴³ Seu típico deslocamento do interesse para as perenes “enfermidades” da alma,¹⁴⁴ seu escrupuloso sentimento da vida como “*uma contínua provação*”,¹⁴⁵ tudo isso colocou ao lado das profundezas místicas de Plotino uma região murmurante: “Grande é a força desta minha memória, ó Deus meu, um vertiginoso mistério, uma profundidade oculta de infinita complexidade: e isto é minha alma, e é o que sou. E o que sou